

POR QUE OS TEXTOS CHISTOSOS SÃO ENGRAÇADOS? ANÁLISE PRAGMÁTICO-COGNITIVA DA CONSTRUÇÃO DO HUMOR EM PIADAS

Nathália Luiz de FREITAS¹

Resumo: Partindo de uma perspectiva pragmático-cognitiva informada pela Teoria da Relevância (TR), o presente trabalho analisa, preliminarmente, os mecanismos pragmático-cognitivos capazes de desencadear o humor em textos chistosos. Para tanto, selecionaram-se duas piadas que foram analisadas de acordo com os conceitos de *relevância*, *ambiente cognitivo*, *suposições*, *mecanismo dedutivo não-demonstrativo*, *contexto cognitivo* e *inferência*, ambos pertencentes ao arcabouço teórico da TR. As análises realizadas possibilitaram observar que, para a construção dos efeitos de humor, estão envolvidos mecanismos cognitivos e pragmático-inferenciais complexos que podem dificultar ou mesmo impossibilitar a compreensão de textos humorísticos. Cumpre ressaltar que a Teoria da Relevância revelou-se eficaz expediente para estudos pragmático-cognitivos sobre piadas.

Palavras-chave: Piadas. Efeitos de Humor. Teoria da Relevância.

Os textos humorísticos têm servido de base para a compreensão de variados aspectos ou fenômenos psicossocioculturais, sendo, por isso, objeto de estudo de diversas áreas do saber (Antropologia, Sociologia, Psicologia etc.). O analista do discurso Possenti (1998) ressalta a natureza heterogênea desses textos, ao afirmar que as piadas podem ser consideradas interessante expediente para os estudiosos, uma vez que praticamente todas elas abordam temas socialmente controversos, de modo a possibilitarem o reconhecimento/confirmação de diversas manifestações culturais e ideológicas, bem como de valores arraigados.

Com relação ao âmbito da Linguística, muitas são as contribuições que o estudo de textos humorísticos, em especial de piadas, pode gerar. No que se refere aos níveis estritamente lingüísticos, a piada consiste em instigante material de pesquisa para se

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, do Instituto de Ciências Humanas e Sociais – ICHS, da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP, Mariana, MG, Brasil. E-mail: nathaliadefreitas@yahoo.com.br

investigar suas características verbais, fonéticas e textuais, conforme o faz Possenti (1998), tendo como finalidade “descrever as chaves linguísticas que são o meio que desencadeia o riso” (p. 17). Vale ressaltar que o referido estudioso assente serem do escopo dos Estudos da Linguagem os mecanismos lingüísticos que provocam o humor, ficando sob a responsabilidade de outras esferas do conhecimento a atenção aos aspectos sócio-culturais (POSSENTI, 2010). Entretanto, este trabalho parte do pressuposto de que, tendo a linguagem nas relações sócio-culturais, fundadas na interação, sua própria razão de ser, tantos os fatores estritamente lingüísticos quanto os “extralingüísticos” devem fazer parte das preocupações e das pesquisas em Linguística.

A abordagem da piada pelos Estudos da Linguagem pode fornecer subsídios para a compreensão do viés pragmático da comunicação verbal, já que, nesse texto humorístico, estão envolvidos processos complexos de construção do sentido, especialmente a formulação de inferências, sem as quais não seriam possíveis interpretações que levassem à criação de efeitos de humor. É importante salientar que, no Brasil, ainda são poucos os estudos de base pragmática sobre a interpretação de piadas. Conforme indica Santos (2009) em trabalho de tese sobre interpretação de piadas, “as poucas publicações brasileiras sobre humor, na sua maioria artigos avulsos de congressos e revistas, não se aprofundam na interpretação da piada, resumindo-se a análises lingüísticas de tiras, quadrinhos, cartoons” (SANTOS, 2009, p. 2).

São várias as formatações de textos humorísticos, como, por exemplo, a própria piada, o trocadilho, o chiste, a charada, os quadrinhos, as tiras, o cartoon, a charge etc., de modo a, muitas vezes, principalmente no que tange às quatro primeiras, não haver delimitações entre elas, ficando o conceito lingüístico do que seja uma piada relegado à extensão da definição do que é humor (MUNIZ, 2004). Neste estudo, a piada é considerada um gênero textual/ discursivo² de tipo predominantemente narrativo capaz de desempenhar função comunicativa dotada de valor de entretenimento humorístico crítico, irônico, de

² Optou-se pela redação de *gênero textual/discursivo* pela decisão de não tomar partido do que vem a ser gênero, visto a polêmica abrangente acerca de tal conceituação, em que estão envolvidas distintas abordagens e discussões (MUNIZ, 2004).

sátira social ou política, acerca do comportamento de uma comunidade, haja vista que aborda e ressalta temas que envolvem crenças, convenções, tabus, status, poder, moral comportamentos e demais valores identitários que compõem uma cultura (SANTOS, 2009: 156).

Uma vez entendida como gênero textual/discursivo, a piada possui elementos estruturais mais ou menos fixos, de forma a poder ser compreendida como um modelo arquetípico de narrativa, possuindo invariavelmente quatro componentes da narrativa clássica: a exposição, a complicação, o clímax e o desfecho. De acordo com Santos (2009), esse modelo é denominado de *piada prototípica*. Ainda segundo o autor, a interpretação da piada consiste no efeito psicológico que resulta da complementaridade desses quatro elementos narrativos com outros fatores não-linguísticos, como, por exemplo, crenças e convenções, que viabilizam o processamento cognitivo inferencial.

Considerando que o presente estudo tem como preocupação a construção de efeitos de humor por ocasião da estruturação discursiva (lingüística, sócio-cultural) de piadas em termos pragmático-cognitivos, optou-se pelo emprego da Teoria da Relevância – TR – (SPERBER e WILSON, 2001). Tal perspectiva teórica questiona o fato de ser o Princípio de Cooperação (GRICE, 1975)³ o acordo tácito que governa a comunicação, de forma a apontar uma das máximas, a de relação ou relevância – que, segundo os estudiosos, não é desenvolvida por Grice – como o princípio geral que rege a comunicação humana.

A TR tem como alicerce o conceito de relevância, que, por sua vez, possui dois princípios gerais: o Princípio Cognitivo, segundo o qual a cognição humana tende a dirigir-

³ Segundo a teoria inferencial griceana (1975), quando comunicam, os sujeitos dizem e implicam. Aquilo que é dito determina-se pelas condições de verdade do enunciado e o que é implicado depende, além do que é dito, de vários outros fatores inferenciais. Para comunicar, o comunicador deve fazer com que o receptor reconheça a intenção daquele em interagir, firmando-se, com base na confiança mútua, uma espécie de acordo prévio de colaboração, em que o interlocutor colabora com o locutor ao tentar compreender o que foi comunicado, sendo esse é o Princípio de Cooperação. O estudioso postula ainda que a comunicação é regida por nove máximas conversacionais, quais sejam: i) Quantidade – “1. Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto requerido (para o propósito da conversação). 2. Não faça sua contribuição mais informativa do que é requerido.”; ii) Qualidade – “1. Não diga o que você acredita ser falso. 2. Não diga senão aquilo para o que você possa fornecer evidência adequada.”; iii) Relação – “Seja relevante.”; iv) Modo – “Seja claro.” “1. Evite obscuridade de expressão. 2. Evite ambigüidades. 3. Seja breve. 4. Seja ordenado.”

se para a maximização da relevância; e o Princípio Comunicativo, que postula o fato de que as elocuições geram expectativas de relevância. Trata-se de pressupostos que levam a um princípio universal minimalista – o da relevância – para a comunicação, o qual, segundo seus formuladores, é responsável pelo processamento de enunciados.

A *relevância* é concebida como uma propriedade de entrada de dados (elocuições, pensamentos, memórias, ações, sons etc.) em direção aos processos cognitivos, de modo que, para uma entrada de dados ser relevante é necessário que ela valha a pena ser processada, o que, por sua vez, depende do esforço de processamento requerido e do efeito cognitivo gerado. Ao ser processada dentro de um contexto de suposições disponíveis, uma entrada de dados pode resultar em algum efeito cognitivo por meio da modificação ou reorganização dessas suposições. Em igualdade de condições, quanto maiores forem os efeitos cognitivos conseguidos pelo processamento de uma entrada de dados, maior será sua relevância. Do mesmo modo, quanto menor for o esforço de processamento requerido, maior será a relevância.

É importante ressaltar que, para a TR, a comunicação humana é entendida como uma questão de grau, ou seja, depende da força da manifestabilidade (perceptibilidade, possibilidade de um fato ser inferido) das suposições no ambiente cognitivo do ouvinte. Um *ambiente cognitivo* consiste em um conjunto de suposições que o indivíduo é capaz de representar mentalmente e de aceitar como verdadeiro ou provavelmente verdadeiro. Trata-se do conjunto de suposições que o falante tem disponível e ao qual recorre ao processar informações. Já uma *suposição* diz respeito ao pensamento tratado pelo indivíduo como representação do mundo real. Enquanto suposições recuperadas da memória possuem certo grau de força, as formadas a partir do processo de completagem de esquemas de suposições possuem uma plausibilidade inicial da qual dependerá seu processamento ao mesmo tempo em que suas forças subseqüentes dependerão dos próximos históricos de processamento.

Ainda conforme os autores, o sistema cognitivo do ser humano é um poderoso mecanismo computacional que processa estímulos comunicativos relevantes. Para o processamento das informações, esse mecanismo tem como base um conjunto de suposições, do qual deduz todas as conclusões passíveis de serem derivadas. As regras de

tal *mecanismo dedutivo não-demonstrativo*, em um determinado contexto cognitivo (representações mentais mobilizadas entre as disponíveis no ambiente cognitivo para a formulação de suposições, bem como inferências), processam o conteúdo das suposições por meio de um cálculo, no qual a verdade das premissas torna a verdade das conclusões apenas provável, por meio da formação e da confirmação de hipóteses sobre essas premissas. Daí o processo de compreensão inferencial ser não demonstrativo, isto é, não poder ser provado, somente confirmado, sendo, então, dedutivo-inferencial. Desse modo, a formação de suposições através de dedução é o processo chave na inferência não-demonstrativa, processo por meio do qual uma suposição é aceita como verdadeira ou provavelmente verdadeira segundo a força da verdade ou da verdade provável de outras suposições (uma forma de fixação daquilo em que se acredita).

Diante do exposto, o objetivo deste trabalho consiste em analisar, de acordo com o arcabouço conceitual da Teoria da Relevância, os mecanismos pragmático-cognitivos que levam à construção dos efeitos de humor em piadas, entre as quais há a manipulação de estereótipos e estão presentes fatores lingüísticos, em especial sintáticos e semânticos, e sócio-culturais que produzem ambigüidades. Para a realização das análises, são utilizados os conceitos de *relevância*, *ambiente cognitivo*, *suposições*, *mecanismo dedutivo não-demonstrativo*, *contexto cognitivo* e *inferência*, todos componentes da Teoria da Relevância. Os dados deste estudo consistem em um *corpus* composto por duas piadas. Tal *corpus* foi retirado de uma página eletrônica especializada em piadas⁴, procedimento respaldado na ideia de que “a piada é um gênero de caráter anônimo e de domínio público” (SANTOS, 2009, p. 5). As análises do *corpus* são de caráter qualitativo, haja vista os objetivos do estudo.

Em seguida, apresentam-se algumas considerações sobre os mecanismos envolvidos na produção do humor, assim como as piadas e suas respectivas análises.

⁴ As piadas utilizadas no presente estudo podem ser encontradas no site: <http://www.piadasnet.com/>

De acordo com Raskin (1985), há três famílias de teorias do humor, em meio às quais está a perspectiva teórica da incongruência, que faz parte da família cognitiva. A noção básica de incongruência é pautada na ideia de elemento surpresa, o qual obriga o interlocutor (leitor/ouvinte) a refazer o processo de interpretação do fato comunicado. Na análise pragmática da piada, a incongruência pode ser compreendida como a percepção repentina de uma quebra de expectativa durante a interpretação. Assim, a descoberta – que ocorre sempre ao final da narração – de um fato incoerente com o narrado anteriormente, geralmente ocasionando um desfecho absurdo, tem como efeito uma moção agradável ao ânimo do receptor que a interpreta como engraçada. Partindo desse pressuposto geral seguem-se as piadas e suas análises.

Piada 1

”Um amigo do Manuel chegou e perguntou a ele:

-Você vai à festa de quinze anos de minha filha?

-Eu irei, mas ficarei no máximo dois anos...”

Para compreender como se dá a construção humorística nesta piada é necessário, primeiramente, compreender questões relativas aos estereótipos. Isso porque um dos fatores que possibilitam a interpretação desta narrativa como sendo cômica é a presença de um sujeito português. Segundo Bhabha (2005), o estereótipo constitui uma forma simplificada fixa – presa – de representação, uma vez que, negando o “jogo da diferença”, tal modalidade representacional cria um problema para a representação do sujeito no que se refere às significações de relações sociais e psíquicas. Trata-se de uma percepção extremamente simplificada de determinado fenômeno, pessoa, grupo etc.

Na piada em questão está em funcionamento o estereótipo segundo o qual os sujeitos nascidos em Portugal, representados no texto por Manuel, são providos de baixa inteligência, do que resultam situações em que tais indivíduos jamais são capazes de compreender corretamente o que está se passando ou o que está sendo dito. Por “festa de quinze anos” o personagem entende se tratar da duração da festa e não do tema da festa.

Linguísticamente, a ambigüidade é gerada pela preposição “de”, que pode tanto se referir a um ou a outro complemento, de forma que à expressão “festa de quinze anos” cabem a função de causa ou de duração.

Pragmatico-cognitivamente, a referida piada, no que tange a sua interpretação cômica, pode ser analisada da seguinte forma: Ao ser lida/ouvida a expressão “Um amigo do Manuel chegou e perguntou a ele:”, no ambiente cognitivo do receptor, é provavelmente ativada uma suposição sobre Manuel, a qual, considerando que se trata de uma piada, diz respeito ao fato de o personagem ser de origem portuguesa. Isso porque é mais relevante, a considerar o contexto situacional (ocasião/situação comunicativa) em questão – discurso humorístico – que a referida suposição seja mais fortemente manifesta do que, por exemplo, as que se referem a Manuel ser de origem russa ou alemã, haja vista a natureza do nome.

Em “Você vai à festa de quinze anos de minha filha?” pode-se afirmar que a elocução é praticamente interpretada em termos de decodificação lingüística, havendo acesso ao ambiente cognitivo apenas para representações conceituais imediatas que, provavelmente, não originarão suposições, assim como mecanismos dedutivos não-demonstrativos. Tratar-se-ia, portanto, de uma continuação narrativa sem implicaturas.

Já a resposta do português “Eu irei, mas ficarei no máximo dois anos...” é a que mais exige esforço cognitivo do receptor para ser interpretada, já que ela consiste em uma incongruência. Para interpretá-la, o leitor/ouvinte deve por em prática o mecanismo dedutivo não-inferencial, através do qual efetuará um cálculo para obter o sentido mais relevante. Assim, terá que retornar à suposição feita em razão do primeiro enunciado, de que Manuel é português, de modo a confirmá-la, para, então mediante as representações em seu contexto cognitivo, entre as quais está a baixíssima plausibilidade de uma festa durar dois anos, utilizar a suposição muito possivelmente fortemente manifesta segundo a qual Manuel é pouco inteligente, na verdade totalmente deprovido de inteligência, e por isso, interpretou de forma equivocada a pergunta do amigo. Ao realizar todo esse processo pragmático-cognitivo, o receptor é capaz de inferir que, por ser de origem portuguesa,

Manuel não conseguiu interpretar um enunciado tão simples. Diante dessa inferência constrói-se o efeito de humor na piada.

Piada 2

“O sujeito encontra o colega e desabafa:

- A minha mulher fugiu com o meu melhor amigo.

- Caramba! Quem é o cara? - pergunta o outro, indignado.

- Também não sei, mas agora ele é o meu melhor amigo!”

Diferentemente do texto anterior, nessa piada não há a mobilização de estereótipos, por meio dos quais já seriam desencadeadas expectativas quanto ao desenrolar da narração. Poder-se-ia, entretanto, pensar em uma representação coletiva de acordo com a qual grande parte dos homens costuma fugir das responsabilidades matrimoniais. Esse imaginário social pode estar presente no ambiente cognitivo do receptor do texto, de forma a auxiliá-lo na interpretação da piada. Mas, tal imaginário social só seria acessado no momento em que o receptor do texto fosse obrigado a recalculiar o significado das elocuições iniciais para, então, inferir os efeitos de sentido implicados.

No que tange aos aspectos lingüísticos envolvidos na construção humorística desse texto, ao contrário do anterior, cujo mecanismo que leva à ambigüidade é sintático, trata-se de uma ambigüidade semântica gerada pela expressão “meu melhor amigo”. Para compreender essa piada, o sujeito necessita reinterpretar o sentido primeiro gerado pelo enunciado “A minha mulher fugiu com o meu melhor amigo”, já que impressão inicial é a de que se fala de um amigo de longa data, por quem se tem apreço e confiança, mas, com a inserção do advérbio de tempo “agora”, no último enunciado, percebe-se que o indivíduo só se tornou melhor amigo do personagem depois que fugiu com a esposa deste. A expressão “melhor amigo” leva o ouvinte/leitor da piada a notar o feixe de significações que ela evoca, tendo em vista que o melhor amigo é o preferido dos amigos, e jamais agiria como na narração.

Em termos pragmático-cognitivos, a piada em pauta, no que se refere aos elementos que contribuem para seu efeito chistoso, pode, ao ser lida/ouvida, ter o seguinte percurso processual: Em “O sujeito encontra o colega e desabafa: - A minha mulher fugiu com o meu melhor amigo”, são, provavelmente, ativadas, no ambiente cognitivo do receptor, representações sobre o caráter da mulher e do melhor amigo do marido, bem como acerca do descontentamento do esposo com o ocorrido. Tais suposições podem ativar o mecanismo dedutivo não-demonstrativo, levando o sujeito interpretante a inferir que o personagem esposo está chateado/triste/infeliz em decorrência da traição por parte de pessoas queridas. Vale ressaltar que a plausibilidade dessas suposições, isto é, a possibilidade de as mencionadas suposições serem mais fortemente manifestas que outras, está no fato de o referido enunciado não mobilizar estereótipos, típicos em piadas, capazes de gerar expectativas interpretativas divergentes ou contrárias ao que está sendo veiculado pela elocução.

Na interpelação do outro personagem “- Caramba! Quem é o cara? - pergunta o outro, indignado.”, o receptor da piada pode ter suas suposições temporariamente confirmadas, tendo em vista que em seu contexto cognitivo já está ativada a representação de que, quando traídas por entes queridos, as pessoas ficam tristes e podem gerar indignação alheia. Assim, a fala do personagem que toma a palavra nesse trecho da narrativa contribui para o fortalecimento da inferência anteriormente formulada por aquele que busca interpretar a piada.

O desfecho da narrativa, contido no enunciado “- Também não sei, mas agora ele é o meu melhor amigo!”, muda todo o percurso interpretativo realizado até o momento pelo receptor. Isso porque, a partir dessa nova informação, no ambiente cognitivo do leitor/ouvinte são ativadas suposições sobre a satisfação do marido com o casamento, assim como acerca do sentimento do esposo pela mulher, entre as quais as que são, possivelmente, mais fortemente manifestas dizem respeito ao fato de o personagem estar insatisfeito com o casamento, o que poderia advir, entre outros motivos, de não mais gostar da mulher, desejando, portanto, a separação. Note-se que, em razão do choque entre as suposições iniciais e a nova informação processada, é necessário um novo cálculo do

significado, em que as suposições agora formuladas estão em consonância com a reorganização do ambiente cognitivo do leitor, que recebeu novos insumos. Dessa forma, já não há relevância na inferência feita inicialmente, de forma que o receptor é obrigado a formular uma nova, em conformidade com o novo contexto cognitivo ativado – que já não se baseia mais na ideia de insatisfação/tristeza do personagem, mas se pauta em sua satisfação/felicidade em razão do ocorrido –, sendo oriundos de toda essa complexa reorganização pragmático-cognitiva, em que estão em jogo diversos aspectos sociais, os efeitos de humor.

Realizadas as análises, é imprescindível atentar para o fato de que são preliminares e ainda restritas, haja vista que apenas dois textos, de estrutura específica, foram analisados. Entretanto, mesmo se tratando de análises um tanto simplificadas – considerando que muitos outros aspectos da Teoria da Relevância poderiam ser explorados – em piadas curtas, cuja formatação linguística consiste, na primeira piada, de dois enunciados, e, na segunda, de três, é possível observar, em termos pragmático-cognitivos, o quão complexo são os mecanismos envolvidos na construção dos efeitos de humor em textos piadísticos. Por tal motivo, não fica difícil entender o porquê de, muitas vezes, as piadas não serem interpretadas como tais.

Faz-se ainda importante ressaltar, tendo em vista as análises realizadas, que a Teoria da Relevância configura um profícuo expediente para estudos pragmático-cognitivos não apenas no que tange à construção do humor em piadas, mas, no que se refere à análise comunicacional de modo geral. Assim, sugere-se o empreendimento de pesquisas cujo alicerce teórico seja tal perspectiva, a qual, além dos próprios mecanismos interpretativos – conforme o escopo do presente artigo – pode revelar diversos aspectos, tais como crenças, estereótipos, valores sócio-culturais arraigados etc., objetos de estudo de diferentes esferas do saber. De igual modo, independentemente da teoria/metodologia adotada, o estudo de piadas e demais textos humorísticos consiste em terreno fértil para várias áreas do conhecimento.

Why are the texts jokers funny? Cognitive-pragmatical analysis of construction of humor in joke

Abstract: *From a perspective pragmatic-cognitive informed by Relevance Theory (RT), this study examines the pragmatic-cognitive mechanisms capable of cause humor in humorous texts. In order to do this, we selected two jokes that were analyzed according to the concepts of relevance, cognitive environment, assumptions, non-demonstrative deductive mechanism, cognitive context and inference, both from the theoretical framework of RT. The analysis allowed to observe that, for the construction of the effects of humor, complex cognitive mechanisms and pragmatic-inferential complex mechanisms are involved, which may hinder or even prevent the understanding of humorous texts. It is to observe that the Relevance Theory proved to be suitable for the development of studies on cognitive-pragmatic jokes*

Keywords: *Jokes. Effects of Humor. Relevance Theory.*

Referências

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

GRICE, H.P. Logic and Conversation. In: P, COLE e P, MORGAN. **Syntax and Semantics**. New York: Academic Press, 1975.

MUNIZ, K.S. **Piadas: conceituação, constituição e práticas – um estudo de um gênero**. 2004. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Setor Instituto de Estudos Linguísticos, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

POSSENTI, S. **Os humores da língua: análise lingüística de piadas**. Campinas: Mercado das Letras, 1998.

POSSENTI, S. **Humor, língua e discurso**. São Paulo: Contexto, 2010.

RASKIN, V. **Semantic Mechanisms of humour**. Reidel: Dordrecht, 1985.

SANTOS, S.L. **A interpretação da piada na perspectiva da Teoria da Relevância**. 2009. Tese (Doutorado em Linguística) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

SPERBER, D., WILSON, D. **Relevância: Comunicação e Cognição**. 2^a. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.